

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 17

BRAGA

SABBADO 20 DE MAIO DE 1882

OS SEMINARISTAS DE BRAGA

No momento em que a capital do reino affrontava do modo mais estranho e insolente as crenças do povo portuguez; em quanto no coração das cidades se erguiam clamores, como uma poeira de calumnias e ultrages, levantada por um sopro satânico, contra tudo quanto ha sancto e veneravel em uma sociedade medianamente civilisada, o representante do Chefe da Igreja Catholica abandona em plena orgia a Lisboa devassa, como que protestando assim contra um acto execrando, que a presença do virtuoso diplomata não podia auctorisar.

E nem busca um pretexto de sua missão para uma viagem a Roma, nem váe fóra de Portugal em viagem de recreio, nem se demora na Coimbra dos sabios, nem repousa no Porto dos Mindelleiros; caminha sempre como oromeiro, não se detem como o que váe caminho da patria; e aproxima-se e vê primeiro as torres das Igrejas destacarem-se como um esboço em um horizonte confuso; e as collinas que se vestem formosas, como que para matarem uma saudade; e os valles que se florescem como que para avivarem um affecto... e chega, e encontra os filhos carinhosos que choram de alegria, um povo agradecido e fiel que exulta de entusiasmos.

Esse soldado do Vaticano não busca salvar-se da avidéz feroz de uma sociedade selvagem, sob a égide de uma bandeira qualquer, que a diplomacia faz reverenciar, busca uma guarida mais humilde, porém mais segura. Não se entrega ao prestigio e ao dever da auctoridade, nem se acolhe ás immunições da lei, váe como o peregrino bater á porta da commnidade, e agasalha-se no coração puro de uma juventude christã; dá-lhe só benções e recebe as efusões unanimes dos filhos da Igreja, sua Mãe; e recebe as expansões louças da franqueza, da veneração, da lealdade e do amor! Não solicita a hospitalidade official, nem acredita os commodos da opulencia, váe repousar no leito modesto e singelo, váe assentar-se á meza frugal, como verdadeira imagem do representante de Christo, como servo humilde do Senhor, simples como a Igreja de Deus, mas grande e eloquente como a potestade sanctificada pela unção mais sublime!

Oh! como o tosco tamborete da mesquinha cella, vale agora bem mais que um

throno!—Como a alegria d'aquelles corações juvenis, vale mais que os vivas de uma corte! Como aquellas flôres singelas espalhadas nos limiares do Seminario, valem mais que as aureas decorações de uma cidade revolta e impia! Como a religiosidade entusiastica e sincera d'aquelles peitos immaculados, como os risos e as lagrimas jubilosas d'aquellas crianças, são mais esperanças para Deus, para a Igreja e para a patria, do que os clamores de um povo desvairado, correndo sem norte atraz dos archotes e das musicas, dos carros triumphaes e dos troféos da revolução, que se exhibem em prestitos sinistros!!

A juventude do Seminario bracarense acaba de marcar uma época immorredoura nos annos honrosos d'aquella casa de educação. O modo fidalgo como recebeu o illustre bispo, representante de Sua Santidade em Portugal, exprime dignamente os sentimentos catholicos dos seminaristas, e tanto mais os exalta, quanto atesta que nem toda a nação portugueza perdeu já a excellencia com que primava na educação da familia. A educação livre dos livres pensadores, a educação livre dos homens da liberdade produz centenaristas, produz os que apedream e insultam homens venerandos nas ruas das capitães, os que glorificam assassinos, os que canonizam monstros: a educação á antiga, a educação com Deus, produz ainda uma geração auspiciosa, garantia dos foros e da nobreza do nome portuguez.

Quando o ecco das aclamações d'aquellas crianças ao venerando bispo da Igreja catholica, quando a voz do louvor publico que exalta a singular galhardia dos Seminaristas, chegarem ao lar de suas familias, não de as lagrimas do reconhecimento marejar as faces das mães que vöem ali um galardão de seus desvellos, não os impulsos do amor paterno fazer bater mais forte o coração dos que recebem, nas benções lançadas pelo virtuoso representante do Vigario de Christo sobre seus filhos, outras tantas benções de Deus para as familias a que pertencem, e para aquelles que primeiro lhes inspiraram tão pronunciados sentimentos de religiosidade e de fidalguia.

E não são apenas as familias a regosijaram-se com o procedimento pundonoroso de seus filhos, é toda a familia catholica, que lhes envia uma expressão sincera do seu reconhecimento, pois que a todos cabe a honra da condigna recepção feita pelo Seminario archiepiscopal ao Nuncio de Leão XIII.

Os habitantes de Braga, secundando em regosijos os seminaristas, mantiveram os títulos que tão escrupulosamente sabem conservar á augusta Braga, á Braga catholica.

Quando um dia aos pés do solio Pontificio o Nuncio Apostolico referir ao Chefe da Igreja, como é que a canalha em Portugal insulta e apupa os enviados de Roma, ha-de tambem dizer que, percorrendo todas as nações catholicas, nenhum povo e nenhuma cidade nem mais, nem tanto como Braga, sabe mostrar-se filha mais fiel da Igreja de Christo.

Honra aos alumnos do Seminario Bracarense!

Honra a Braga!

Á juventude seminarista, a Braga, a gratidão do paiz catholico! A benção do Nuncio sobre o povo de Braga, estende-se a todo o povo catholico portuguez, representado nos briosos habitantes da capital do Minho.

Por nossa honra, bracarenses!

OS CENTENARISTAS E A IMPRENSA CATHOLICA

Um facto estupendo agrava a façanha liberal do centenarista.

O nosso presadissimo collega da *Palavra* estigmatizando em termos asperos a patuscada republicana—pombalina, exprimiuse em termos geraes contra os que tomaram parte n'aquelle enterro moral. Chamou pelo verdadeiro nome a muitos dos *patriotas* que lá foram, esquecendo-se de salvar excepções para os que por extrema boa fé, por *pandega* ou por imbecilidade os acompanharam. D'aqui uma serie de destemperos, aos quaes a auctoridade do Porto assistio, não sabemos se tomando parte n'elles, se com o fim de acudir ás suas naturaes consequencias, se as houvesse, como seria facil, se não existisse da parte dos catholicos mais prudencia e resignação.

Reuniu-se a rapaziada, e oraram os tribunos no sentido de pedirem todos uma satisfação á *Palavra*, vieram á balla os jesuitas, fallou-se de *liberdade* e muita *liberdade*, coseram, guizaram, assaram a *palavra*, e começando do centro para os lados deslizeram-na em—*dá de libar!* Libação foi ella que lá caminhou tudo em charolla para a redacção da *Palavra*, em numero de dois mil, baterem-se *valente e corajosamente* com o nosso collega!

Já foi denodo! Para se exigir uma satisfação a um homem, vão duas mil pessoas, dois mil bravos do Mindello, em columna cerrada atacar o inimigo!

Podera! Se aquelle inimigo era nala mais nem nada menos do que a sombra, o horrivel fantasma de um jesuita!

permittedo aos bispos—contra a expressa ordem do 1.º ministro—conferirem ordens sacras, sem beneplacito regio. Outros, finalmente, davam por causa ao castigo, haver Seabra desobedecido ás ordens do rei obrigando a entrar, por força, em um convento, um morgado, para fazer succeder no vinculo, um colateral. (Esta opinião é bastante inverosimil.)

Tendo adoecido o rei D. José, no principio de dezembro de 1776, nomeou sua mulher, a rainha D. Maria Victoria, regente do reino, durante a sua doença, d'elle; e logo a 15 d'esse mez, a rainha mandou expedir um decreto, dirigido a D. Antonio de Lencastre, governador d'Angola, e referendado por Martinho de Mello e Castro, para que, sem perda de tempo, fosse buscar José de Seabra da Silva, a Pungu Adongo, e o

1788. O plano, só era sabido do marquez do Pombal e de José de Seabra, e este o foi denunciar á rainha, para acautelar sua filha, evitando que ella cahisse no laço.

trouxesse para sua residencia (do governador) e tratasse com decencia que merecia um ministro do seu caracter e estimação; e d'ali, fazel-o conduzir ao reino, com todas as commodidades.

D. José falleceu a 22 de fevereiro de 1777, e logo a 4 de março, foi demittido o marquez de Pombal, por um decreto de D. Maria I, ficando, em quanto vivesse, recebendo os ordenados de ministro de estado, e, alem d'isso, lhe deu a rainha, pelo mesmo decreto, a commenda de S. Thiago, de Lanhoso, no arcebispado de Braga. Este decreto é datado do palacio da Ajuda.

Vê-se pois que José Seabra foi chamado ao reino, e restituído a todas as suas honras, ainlo no reinado de D. José I, e sendo ministro (e ainda o foi 4 mezes) o marquez de Pombal, o que nos faz acreditar que em tudo isto ha um mysterio historico, que, provavelmente, já mais se desvellará.

Talvez alguém note que o decreto que mandou chamar José de Seabra não fosse referendado pelo marquez do Pombal, ministro do reino. Foi referendado por quem

O ataque foi encetado por uma guarda avançada, que no escriptorio da redacção encontrou apenas o sr. editor d'aquelle jornal. Exigiram-lhe uma declaração de que aquella redacção retirava todas as palavras offensivas dirigidas aos cavalheiros, que tão cavalheiramente se portavam até n'aquella gloriosa marcha, n'aquella corajosa campanha!

E a declaração fez-se e foi lida das janelas da redacção ao povo soberano e á força publica estacionada fóra da porta!

E dizem estes senhores que estamos em um paiz de liberdade!

Em um paiz onde ha lei de imprensa, onde ha tribunaes, consente a auctoridade policial que dois mil homens armados, fosse sob que protexto fosse, ainda o mais justo, atacassem uma casa, entrassem n'ella á força, de noite, exigissem ao dono da casa um acto qualquer, que se não pode saber se voluntario ou não voluntario, e tudo na presença de uma força de infantaria e cavalaria!

Se dois ebrios se esbofeteassem no meio da rua, sabria de espada em punho toda a cavallaria municipal commandada pelo seu commandante, e a policia civil aturdiria os ares a toques de apito! Como se tratava de um caso grave, no qual se calcava a pés a *carta adorada* e se infringiam todas as garantias de um cidadão, a moral e a ordem, a força publica ali estava, mas serena e indifferente!

Que edificante espectáculo! Era mister que não faltasse mais esta vilania para corôar um festa tão vilã, como foi a pombalada!

Eis como se faz justiça em Portugal! Eis como um partido de brios pede uma satisfação de honra!

A historia da liberdade tambem carecia de mais esta pagina! Se não estivesse bem definida e classificada a pombalada, isto bastaria para nos dizer o que não soubessemos.

Não entramos na analyse do que se passou intimamente no corpo da redacção do nosso presado collega da *Palavra*. Respeitamos os negocios de familia, e se sabemos quanto uma redacção deve á solidiedade do seu pensamento politico, tambem sabemos que casos ha em que um ou outro escriptor pôde declinar d'ella sem quebra da sua dignidade. O que porém vemos de todo o occorrido é que da parte dos pombalistas houve tanta cordura no modo como pediram a satisfação, como no modo como a receberam; o que denota que á frente d'aquellas decisões não estava por certo nem o bom senso, nem a boa justiça.

A redacção de um jornal é um corpo moral: a sua administração, o seu proprie-

devia ser: uma vez que era dirigido ao governador de Angola, competia isso a Martinho de Mello e Castro, que era ministro da marinha e ultramar.

Eis a cópia de um decreto de D. Maria I (copio-o por ser pequeno.)

« Não constando na minha presença culpa alguma de José de Seabra da Silva; e, entendendo que os procedimentos que com elle se praticaram, se originaram de falsas ou affectadas informações; e não sendo da minha real intenção privar-o das honras de que gosava, pelos empregos que exercia—

Hei por bem que se risque em todos os livros, qualquer ordem que n'elles se ache registada, e fosse contra elle expedida; averbando-se á margem do dito registro. E para que a todos possa constar, lhe concedemos licença para o fazer imprimir. O visconde de Villa Nova da Cerveira, meu ministro e secretario de estado dos negocios do reino, o tenha assim entendido e faça executar Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, 21 de outubro de 1778. Com a rubrica de Sua Magestade.»

(Continúa)

FOLHETIM

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA

(Continuado do n.º 16)

Para tão severo castigo, não houve casta alguma de processo, não foi ouvido José de Seabra, nem houve, ao menos, uma apparencia de sentença. Houve a vontade despotica do marquez de Pombal, e mais nada.

Ainda hoje se não sabe com certeza, a causa de tão barbaro procedimento; apenas correu, com alguns visos de verdade, que Seabra revelara certo segredo de estado á rainha (1). Dizem outros que Seabra tinha

(1) Diz-se que o marquez de Pombal projectára obter, por surpresa, a desistencia do principe do Brazil (depois de D. Maria I) dos seus direitos á corôa, a favor de seu filho, D. José, principe da Beira, que falleceu em

tario, não significam nem respondem pelo que se escreve, não representam a entidade litteraria ou politica, que pertence a outra esphera. O mesmo editor responsavel, se responde pelos escriptos do jornal e perante a lei. Nos casos de honra, não sabemos que se peça satisfações a um editor ou a um proprietario de jornal, que não são o redactor; nem nos parece que seja satisfação condigna, com valor moral, o proprietario de um jornal despedir o redactor, como quem despede um caixeiro que errou as contas correntes.

Que o editor de um jornal perante os tribunaes retire, *authorisado pela redacção*, qualquer expressão de que lhe exijam a responsabilidade, e que este facto seja uma satisfação sufficiente achamos digno e razoavel; porém que quando um jornal já não tem redactor, isto é, quando tem desapparecido já a entidade moral de um jornal, se exija do editor ou do proprietario uma satisfação, quando de mais a mais é publico o nome do redactor que escreveu a offensa, e este é um cavalheiro, que não sabe declinar de si as responsabilidades que assume, achamos isto de supina ignorancia das praxes do jornalismo, e de uma innocencia digna da inexperiencia republicana de rapazes de escola.

Não estamos cegos pela paixão, nem buscamos agora defender um correligionario, cuja probridade, cuja intelligencia e seriedade, para nós, é proverbial, attestada e demonstrada em uma longa carreira de vida publica.

O sr. Antonio de Mesquita tem em si recursos de sobejo para se explicar e já o prometeu fazer. Se se tratasse de um caso identico com um nosso adversario, estaríamos tambem de seu lado.

Eis por que não podemos levar a bem que alguns dos nossos collegas da imprensa, que tem referido o caso, o hajam aggravado com palavras apaixonadas e offensivas do nosso collega.

Trata-se de um jornalista, livre nas suas ideas, sagrado nos seus direitos de homem e de escriptor.—Se exorbitou, em qualquer campo politico que milite, é um jornalista. A sua dignidade não pode estar á mercê de um interesse qualquer que lhe desconheça as suas regalias, e ataque os seus direitos. Se errou, busque-se convence-lo do erro; mas não se bata as palmas por que se vê maltratar um escriptor, que se tem honrosamente medido com os primeiros escriptores do paiz, sempre cavalheiro, e sempre leal.

Republicano ou catholico conservador ou progressista, tenha a cor que tiver tem praça assente n'esta milicia da imprensa, onde ha deveres e direitos a respeitar e fazer respeitar. Quando se trata da pessoa de um jornalista não olhamos ao uniforme que veste.

Isto dizemos por incidencia.

O facto principal de que nos occupamos é tão faceto e tão cobarde; que não deviamos aqui encravar um assumpto, que como jornalistas nos merece a maior seriedade.

Valtando pois á satisfação, resta-nos uma duvida. A declaração dos snrs. proprietario e editor da *Palavra* foi um acto espontaneo?

Ha razão de crer na coacção, quando nos parece ver ainda dois mil republicanos agarrados á pena do sr. proprietario da *Palavra*.

A satisfação dada por aquelles senhores, quando espontanea, é de algum valor moral ou politico? E' o que tambem duvidamos, por que nem um nem outro disse ainda fazer parte da redacção da *Palavra*. O proprietario paga; o editor satisfaz á lei; o redactor escreve; são distinctas funcções não podem ligar-se nem invadir-se quando não estão reunidas na mesma pessoa.

As explicações e satisfações d'aquelles snrs. não explicam nem satisfazem coisa alguma. O que a *Palavra* disse está de pé. Salve o nosso collega, auctor do artigo em questão, algumas excepções realmente dignas da sua attenção, e o resto deixe-o ficar para os ebrios e para a canalha, que insulta nas ruas os padres por que são padres, que profana os templos porque é canalha, que ultraja os que não pensam como elles por que não são liberaes, por que não sabem o que são, por que n'elles anda a ignorancia a par da sua educação; para esses que buscam a desordem ou porque não tem que perder, ou porque com ella conquistam... cadeas de relógios e lenços de assoar.

Toda a imprensa séria, toda a imprensa catholica faz justiça ao cavalheirismo do nosso collega da *Palavra*, e folga applaudil-o pela

sua attitude energica e pela sua camaraderie leal.

As poucas pessoas que tinham razão de se offender com os escriptos da *Palavra* devem dar-se por satisfeitas, quando sabem que o artigo da *Palavra* se referia á grande maioria, e não á generalidade dos festeiros do centenário.—Esta confusão não pôde ser uma cousa, é um effeito. Sentil-o é uma experiencia triste que deploramos, mas é uma prova de que ninguem se chega á lama sem se arriscar a enlamear-se.

Questões de honra são só com os que sabem pesar. Dadas a esses as explicações convenientes, é nossa opinião que nenhum jornal, digno da sua missão, pôde applaudir que a *Palavra* se rebaxe em tirar o chapéo á infima relé que lhe grita á porta, e muito menos insultar o nosso collega porque o não faz.—Não deve nem pôde chegar a tanto a paixão politica em adversarios de lava branca; aliás... deem o braço aos seus correligionarios de pé fresco e... que lhes faça bom proveito.

RELIGIÃO

A SITUAÇÃO

Não são bons os tempos que atravessamos para nos considerarmos tranquilos sobre o que pôde acontecer amanhã.

Não nos iludamos. Tudo nos inculca que estão proximos dias de lucta viva, encarniçada, feroz, implacavel contra a Igreja e seus ministros.

O catholicismo teve sempre contra si as paixões desreguladas que elle tende a enfiar em sua explosão e mesmo a não deixar que nasçam. Estas e mil outros interesses mundanos e o orgulho humano serão sempre, como sempre foram e estão sendo presentemente, fortissimos incitamentos de rebellião contra o jugo suave da tei de Jesus, cujo nome foi posto para ruina d'alguns, e para salvacão de muitos, por que uns contralitarão e outros amarão este nome santificado pelas adorações do que os seculos produziram de maior, mais nobre, mais sabio, mais illustre e mais glorioso entre os filhos dos homens.

Mas esta opposição, constante, tenaz, perpetua, que durará enquanto durar a religião catholica, que é a verdade, e a verdade terá sempre contraditores, nem se manifesta no mesmo gráo de calor, de vida, de força, de raiva, de odio e de ferocidade em todos os tempos nem em todos os paizes simultaneamente. A historia manifesta este facto, que relatamos, e para cuja explicação não é preciso recorrer a grandes raciocinios.

As condições diversas em que se acha a religião catholica nas diferentes partes do mundo christão e do mundo mesmo que o não é, influem efficazmente para se verificar o facto historico que apontamos d'um modo mais ou menos adverso ás crenças do Evangelho e chegam mesmo a determinar o tempo em que se pôde racional e prudentemente marcar a época d'uma lucta mais ou menos estrondosa contra a Igreja.

O nosso paiz ainda não passou por phases religiosas que deixassem apoz de si as recordações de lucto, de horror e de execração que encontramos na historia de outros povos da Europa.

Desde que o catholicismo se implantou em Portugal, foi elle sempre acatado, respeitado, venerado, e mesmo se pôde dizer que inspirou quanto de bom e de grande e de glorioso fizeram nossos paes e herdamos de nossos antepassados.

Com uma historia de beneficios tão grande, tão secular, tão honrosa, ninguem se atreveu seriamente a tocar-lhe por muito tempo, e os mesmos que por seus actos particulares menos mostravam ser-lhe afeiçoados, eram os primeiros em publico a prestar-lhe homenagem e reverencia, o que nos mostra que a nossa crença foi litteralmente a crença do povo, a crença dominante, a crença inspiradora da nação, a que o paiz se achava ligado pela adhesão sincera do espirito e pela afeição do coração.

A igreja chegou mesmo a ter entre nós dons sceptros na mão, o sceptro que symbolisava a realleza do pensamento e o que symbolisava a realleza temporal.

Um seu pontifice foi tambem rei portuguez e esse prelado tambem se sentou na caadeira dos arcebispos de Braga. Era o cardeal—rei D. Henrique.

Em Portugal não se deram as persegui-

ções á igreja catholica que sabemos esta encontrou nas nações suas vizinhas.

Não teve a igreja aqui contradicções tão fortes e tão numerosas como as achou por outras partes. Neste ponto ainda foram nossos antepassados mais felizes do que nós.

Hoje não é assim. Em Portugal prepara-se á igreja uma perseguição igual á que esta teve ha um seculo na França e em outras partes da Europa.

As idéas anti-religiosas que n'aquellas nações deram seus máos fructos ha tantos annos e que aqui ou não tinham ainda sido sufficientemente espalhadas ou não haviam encontrado occasião de se manifestarem, vão-se exhibindo agora d'um modo e por uma forma que apavoram as consciencias prudentes e que senão contentam com a vista dos factos mas procuram conhecer suas causas e sabem calcular seus naturaes effeitos.

O mal é grande desde já e se todos os catholicos sinceros senão prevenirem a tempo e não cuidarem de o atalhar a horas, a onda subirá e passará por cima de todos.

Não ha duvida que por palavras e por obras se trabalha para guerrear o catholicismo em Portugal com um cuidado e um afflicto que revelam antigos preparativos, fortes elementos no presente, solidas organizações, disciplina, união, odio systematico a nossas crenças, que são consideradas como estorvo a mudanças politicas sonhadas por muitos e que porisso pertendem enfraquecer senão extenminar na nossa sociedade.

Bem diziamos nós que o centenário do Marquez do Pombal marcaria uma era nova de perseguição crescente contra a igreja. Infelizmente ali estão as festas a dar razão do que nós anteveramos nas rapidas considerações que fizemos sobre tal assumpto.

Se pois é certo, como provam os factos ultimamente occorridos em Lisboa e Porto e o está dizendo claramente a imprensa mais entusiasta por tal centenário, que se faz desde aquelle successo uma opposição cada vez mais encarniçada á Igreja catholica, que nos cumpre fazer a nós, filhos obedientes do Evangelho, que caminhamos á luz da fé e nos não envergonhamos de ser christãos, antes fazemos gala, timbre, honra e gloria de sermos, por misericordia de Deus, alistados em sua Igreja, senão preparar-nos para luctar e pelejar as batalhas do Senhor?

O soldado que foge á vista do inimigo é um covarde e um homem indigno da liberdade, é um escravo. Quem não confessar o Senhor na presença dos homens, tambem Deus o não confessará no Ceu.

Quem estimar mais a riqueza, as comodidades e a vida do que a honra de Deus; quem se preferir a si ou preferir os mais homens e as coisas do mundo ás coisas e aos interesses do mesmo Deus, perderá com os bens do mundo, a propria alma e salvacão!

Não pensemos porém que faremos coisa alguma de proveito geral se não nos associarmos; só pela união combateremos com vantagem nossos adversarios, que não são por ora muitos em comparação da grande massa catholica em Portugal, mas que se fazem valer e causam barulho e mesmo susto desde ha algum tempo em alguns lugares por sua união e organização.

Usemos das mesmas armas. Elles nos atacam, unidos; unamo-nos, e diffendamos-nos.

Elles nos combatem pela imprensa.

Combatamo-lhes com a imprensa.

Elles nos aggridem em nome da liberdade. Sirvamo-nos da mesma para nossa defesa. Elles, que não são modelos no bem, atacam-nos com um ou outro desvio moral que notam em algum membro da grande sociedade catholica ou em alguma das muitas classes que ella conta entre os seus adherentes.

Reformemo-nos cada vez mais, tirando-lhes occasião de elles dizerem com justiça mal de qualquer de nós.

Não façamos violencia nem vituperio a quem quer que seja; não offendamos pessoa alguma; amemo-nos mutuamente; combatamos os erros onde quer que os encontrarmos, e demos a todos o bom exemplo das obras perfeitas.

Com isto chamaremos sobre nós a protecção do Ceu, cuja causa patrocinamos e o proprio respeito dos inimigos, porque nunca deixou de ser objecto de consideração a practica de boas obras.

Sobretudo, unam-se os catholicos para a defesa de suas crenças e os padres principalmente e estes em nome das crenças e da

propria conservação pessoal, pois que seriam, quando triumphasse a perseguição, as primeiras victimas.

PASTORAL

D. Jose Pereira da Silva Barros por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo de Olinda, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, etc.

(Continuado do n.º 14)

II

Desejamos poder entrar em largas considerações sobre o parochiato, porém não devemos exceder os limites de um simples mandamento.

Fomos parochos durante longos annos, conhecemos os trabalhos de tão atribulada vida, e vos asseguramos, caros cooperadores, que não exigiremos de vós, senão aquillo que fizemos.

Sabemos que os parochos que não são exigentes vivem sempre pobres e fallos de recursos, victimados ainda pela fama de serem muitos ricos e de nada carecerem, como se os parochos tivessem meios desconhecidos de obter riquezas!

O bom parochos não achará consolo e conforto nos labores do ministerio, senão no amor de Deus, que anima ao amor do proximo. Os serviços parochias são muito penosos, entretanto cumpre esquecer que o parochos é collocado entre os fieis para promover a salvacão de suas almas, qualquer que seja a classe, a que pertencam.

A nós, como a vós, caros cooperadores, Deus pedirá conta de nossa administração, nem as difficuldades, nem os soffrimentos, as chuvas, nem as distancias servirão de desculpa porque o bom pastor deve dar pelas suas ovelhas a propria vida:—*Bonus pastor dat animam suam pro ovibus suis* (S. João 10—11—).

Faz estremecer ao homem de fé a coragem de quem se incube de ministerio tão junca-lo de difficuldades, como cercado de responsabilidade para fazer d'elle unicamente meio de vida, esquecendo os deveres do cargo!

Só o Padre que já perdeu a fé e obiterou a consciencia poderia viver tranquillo no parochiato sem zelar o rebanho que lhe foi confiado para conluzir ao relliz.

Do parochos depende a pratica da Religião, os costumes do povo, e pelo povo havemos de julgar os nossos cooperadores.

O bom parochos faz o povo religioso, o mau, pelo contrario, é lepra que contamina, o veneno que mata o espirito religioso.

Ainda não conhecemos bastante esta nossa Diocese, hoje objecto exclusivo de nossos cuidados, não podemos formar seguros juizos de nossos cooperadores; asseguramos porém que não queremos dar contas a Deus dos descuidos dos parochos, nem pelos escandalos dos sacerdotes, e, como o pai que castiga o filho delinquente, ain la chorando e com grande pesar de nosso coração seremos inexoravel com os nossos cooperadores, quer parochos, quer simples sacerdotes, se nos convenceremos de que estão esquecidos de que são ministros de Deus para salvacão das almas.

Como guarda vigilante do rebanho de Nosso Senhor Jesus Christo, n'esta Diocese não consentiremos que lobos vorazes se distarcem em pastores.

Permitta Deus que todos os nossos caros cooperadores vivam para os seus parochianos, como lhes cumpre, e que tenhamos sempre alegrias, vendo fructificar nas parochias o zelo sacerdotal.

Irmãos muito amados, os cuidados diarios que deveis ter de vossos parochianos, vos obrigam a permanecer sempre nas vossas parochias.

Demonstrar aqui o dever de residencia seria provar aquillo de que todos estão convencidos, por quanto não ha parochos algum que possa suppor licito ou razoavel parochiar sem residir.

A propria natureza do serviço exige a residencia.

E' verdade que alguma vez essa residencia precisará ser interrompida por justos motivos, e por isso o proprio Concilio de Trento facultou a sahida aos parochos por dous mezes cada anno, como sobre a applicação do substituto que o Concilio sempre supõe ficar na parochia.

Para que sobre este particular tenham

os nossos cooperadores uma norma de proceder, determinamos: que nenhum parochio se ausente de sua parochia por mais de tres dias, sem deixar substituto, e nem mais de oito sem licença nossa, excepto quando se dirigem directamente a esta capital a tratar comosco.

Nunca sahimos da parochia confiada á nossa solicitude sem permissão do superior, e desejamos que os nossos cooperadores n'esta Diocese façam o mesmo.

Ser-nos-hia doloroso saber que ha Parochos que se ausentam de suas freguezias, e deixam os fieis sem socorros religiosos, sem missa conventual, e prejudicadas as partes que tem dependencia do Parochio, e não poderiamos tolerar semelhante abuso.

Para facilitar aos fieis o cumprimento do dever de ouvir missa nos dias sanctificados, peza sobre os Parochos o dever de celebrar n'esses dias o santo sacrificio da missa a horas certas e determinadas, applicando a missa pelos parochianos em geral, como é expresso na Bulla:—*Cum semper* de Benedicto XIV.

Nada chama com mais força o povo á assistencia da missa conventual, do que a celebração sempre em hora certa. Quando ha falta ou interrupção, ou a missa não começa sempre á mesma hora, o povo, entrando em duvida se ha ou não a missa, se a alcançar ou não, deixa de vir á Igreja e da mesma sorte toda a familia, de modo que os meninos crescem alheios a esse preceito a exemplo dos pais, e eis a matriz vive deserta e muita vez ainda o parochio depois d'isto queixa-se da religião que elle proprio criou!

(Continúa.)

COMMUNICADO

Srs. redactores da «Cruz e a Espada».

Como principal iniciador do meeting que se realizou no Lyceu d'esta cidade para se accordar e resolver no melhor meio de nos desaffrontar-mos da injuria que julgamos ser-nos dirigida pelo n.º 16 do seu jornal, não posso, como verdadeiro e vehemente catholico deixar de vir á imprensa protestar inergicamente contra as calumnias e falsidades que acabo de ler no periódico democratico *A Folha Nova*.

Não snrs. Redactores. A questão religiosa nem directa nem indirectamente, predominou em nosso espirito, quando nos propozemos effectuar tal comicio.

E tanto isto é verdade, que o auctor d'estas humildes linhas, indignado contra umas expressões que aleivosamente proferiu um dos oradores, levantou um voto de censura contra o tal snr., que foi calorosamente approvado, o qual evidentemente patenteava os sentimentos que lhe iam n'alma destoando dos fins expressos nos convites.

Restabelecendo a ordem e verdade dos factos, cumprio um dever de lealdade e boa camaradagem com os meus collegas no estudo, e os snrs. redactores, um beneficio á religião covardemente atacada no que ella tem de mais nobre, sublime e sagrado.

Pela publicação d'estas linhas muito grato lhe ficará o:

De v. etc.
O estudante
F. Nunes.

NOTICIARIO

Agradecimento e declaração.

Em extremo penhorados, pelo modo brioso e digno com que muitos cavalheiros d'esta cidade nos cumprimentaram e felicitaram, offerecendo-nos os seus auxilios, para nos desaffrontar contra qualquer insulto da gente *illustrada* e em geral a toda a cidade, que tão dignamente soube fazer justiça

ao nosso modo de proceder, sustentando tudo quanto dissemos na local—*a esturdia*—; a todos pois, protestamos a nossa maior estima e verdadeiro reconhecimento.

Outro-sim, declara a redacção, que, logo que teve conhecimento da arruaça que se lhe pretendia fazer, á imitação talvez da do Porto, preparou-se convenientemente, e disposta se tanto fosse preciso, a fazer morder o pó a qualquer miseravel, que tivesse a audacia de levantar sequer os olhos; pois, graças a Deus, Braga não é o Porto da impiedade e da orgia, e podemos affiançar a todos os meetingueiros, que á nossa simples e humilde voz, e n'um momento dado, mil peitos se viriam armados, para desaffrontar a nossa honra e dignidade, quando estivesse em perigo.

Melhor foi assim, e a autoridade dormia o somno dos mortos!

Que responsabilidade lhe não caberia hoje, senão fosse a nossa prudencia e sangue frio, contendo os nossos?

No nosso escriptorio.—No dia 16 do corrente anno, uma terça-feira, do anno do Senhor de 1882, dia azeago para o povo do campo que diz: «nem cazes a filha nem urdas a teia», o ceu nublado é com ares de trovoadas—fomos visitados por uma comissão de mancebos, rapazes bem dispostos e de boa educação, segundo a sua apparencia, o que lhes deu ingresso a penetrar no nosso escriptorio, dizendo-se comissionarios do corpo academico do Lyceu, embora sem diploma ou carta d'alforria que a auctoritasse a tanto, isto é sem as credenciaes precisas.

Expondo a illustre comissão os motivos da sua embaixada, viemos no conhecimento, que a classe academica, do Lyceu, se *milindrara* pela local epigraphada—*Esturdia*—publicada no n.º 16 do nosso jornal a *Cruz e a Espada*. Depois d'uma pequena entrevista, com todas as formalidades legais sem ser á Bismark, fizemos sentir á briosa comissão, que a nossa local nada tinha d'offensivo ao corpo academico, porque, sem ser preciso exame de portuguez, estava ao alcance de qualquer cidadão conhecer a sua *letra e espirito*.

A local principiava—*alguns rapazes do nosso Lyceu etc.*— Já se ve, que *alguns* rapazes, não são a classe academica. Quanto ao mais, como, as palavras *matreiros, peludos, chinfrinada etc.*, etc., não tinha nada de offensivo, porque, sempre em todas as aulas e cursos appareceram d'estes *espertos e lórpas*.

Demais, é sabido, de todos que o epitheto de *pelludo*, é applicado a essas pobres crianças que se apresentam nas aulas com a jaqueta feita das abas do historico casaco que serviu no casamento do Sr. Pae; porisso é claro e evidente, que o fim unico é exclusivo a que mirava a local—*Esturdia*—era redicularisar essa *pobreza envergonhada* que na noite do dia 8 percorreu algumas ruas d'esta cidade, implorando o *obolo* commiserativo.

Não retiramos nada do que estava escripto, nem uma só virgula, nem nos obrigamos a dar-lhe a mais leve satisfação publica: declaramos-lhes sim, qual a nossa intenção com respeito á *Esturdia*, que é o mesmo que deixamos aqui escripto: instados para que no proximo numero declarássemos que não houve intenção d'offender a classe academica, respondemos—que ficava isso dependente dos mais collegas da redacção. Foi isto o que se passou.

Mil venturas boa rapaziada.

O nosso proposito.—Quando assentamos tenda no campo da imprensa, deixamos atraz da porta todo o receio e medo para nos desaffrontar de qualquer insulto.

Como homens temos direito ao nosso nome e á nossa dignidade.

Preferimos sempre a morte á deshonra, ou á cobardia, e por isso jurámos sob a nossa palavra d'honra, que seria mais facil voar pelos ares a nossa redacção e nós com ella, do que desdizer-nos do que escrevemos.

Esclarecer equivocos, ou más interpretações, fa-lo toda a pessoa de bem.

A Bicha de sete cabeças.—A *Folha Nova*, que representa no Porto esta *bicha* maligna, que tanto figurou no centenário *maçonico* do sanguinario-Pomdal, fazendo tirar a sua machina infernal por 10 cavallos, (cinco parellhas) symbolo dos seus 10 focos d'*inteligencia*, não cessa de desexcurrir diariamente de sua litrina, o que offerta a seus afeiçoados freguezes, os vermes mais putridos e contagiosos, estacionados no vacuo, d'aquella fecundidade!...

Mas, que fazer-lhe? são precisos mil kilogrammas de sumagre para lhe curar o pelo.

É *bicha* maldita! apresenta-se de cabeça no ar e ferrão de fora...

Precisa d'uma fricção de sal, alhos e pimentã para lhe amacear a escama.

Será pouco.

Os meetings.—É hoje moda promover-se um meeting por dá cá aquella palha. Já se desconhece a lei, aonde todo cidadão offendido pode recorrer para se desagravar.

Mas não, uma arruaça, um aparato belico é melhor para o mundo ficar conhecendo o *grandes homens* da época. A que estado de decadencia moral e intellectual chegamos!

A todos os jornaes catholicos.—Pedimos o distincto obsequio de publicarem em suas columnas, a nossa local com a epigrapha—*agradecimento e declaração*, a fim de que a mentira propalada pela *Folha Nova*, orgão da maçonaria portuense, não tenha curso na praça, e que seja apreendida como *sabão gallego*. Desde já agradecemos.

Atenção.—Pedimos aos nossos leitores toda a attenção para o communicado que vae no lugar competente.

Festividade.—Na igreja da veneravel Ordem 3.ª, festeja-se amanhã com todo o esplendor, a imagem de Nossa Senhora dos Desamparados.

De manhã ha missa cantada a grande instrumental, e de tarde sermão, e exposição do SS. todo o dia. É uma das mais ricas funcções de igreja que se faz n'esta cidade.

Escriptor catholico.—Acha se entre nós o Ex.º Sr. Antonio Moreira Bello, distincto escriptor catholico, e nosso collaborador.

Felicita-mos do coração a sua Ex.ª, e a toda a sua illustre familia, pela visita á sua terra natal.

É um digno filho de Braga.

A Ascenção.—Festejou-se na Sé na forma dos annos anteriores e no Bom Jesus do Monte, esta augusta solemnidade da nossa religião, sendo a romaria bastante concorrida, embora o tempo se apresetasse chovoso.

Para a historia pombalina.—Publicamos os nomes dos mancebos, futuros esteios da patria, de que se compunha a comissão dos estudantes do Lyceu, encarregados de nos pedir as devidas explicações com respeito á *esturdia*, da noite do dia 8:

PRESIDENTE—José d'Almeida,
VOGAES

Gaspar de Queiroz Ribeiro,
Joaquim Carneiro d'Azevedo Costa,
Joaquim de Castro Lopes,
Joaquim de Magalhaes,
José Augusto Ferreira Machado,
José Bernardo Saraiva Cardozo,
José Humberto d'Andrade Faria.

N. B.—Compõe-se de 7 J, e um G—cousa celebre, e, o mais notavel, é nenhum ser filho de Braga.

Senhora da Rosa.—Festejou-se no domingo passado com toda a pompa e esplendor na nossa Cathedral, a Virgem SS. com a invocação da Senhora da Rosa.

Pela manhã houve missa cantada a grande instrumental, e de tarde sermão e procissão, com coros d'anginhos e duas musicas.

A capella achava-se ricamente adornada; foi uma das melhores festividades que ali se tem feito; e honra sobre modo abriosa meza.

Figuras de cera.—O dono d'essa no-genta galeria, segundo o annuncio por ali

espalhado para os *brancos*, está prestes a retirar todo o lixo do seu deposito, com que illudia os parvos e ignorantes.

Não seria mais honroso ao snr. Ramiro quebrar cascalho?

Parece nos que sim.

Desordem, ferimentos e morte.

—Na noite de 13 para 14 do corrente, na freguezia de Turiz, do concelho de Villa Verde, alguns individuos que regressavam a suas casas, de assistir ao arraial e fogo, n'uma festa que se fizera na igreja d'aquella freguezia, foram agredidos por outros, que os esperavam para desforras de rapazes, d'ordinario decididas a *cerquinho*. Começou a pancadaria; um cabe para dentro d'uma parede, os miolos a sahir do craneo, vertebral partida, e as costellas por igual.

Só na manhã de domingo é que appareceu este desgraçado, quasi sem vida, ignorando-se se já expirou.

Outro, dos aggressores recebeu, á queima roupa, um tiro de revolver no ventre, sendo no domingo já cadaver.

Estes factos, que se repetem frequentemente n'aquelle concelho, estão a pedir a intervenção celeste, já que a das auctoridades locais senão faz sentir.

Snr. administrador do concelho, olhe por isto; veja que é rara a feira que, nas suas barbas, e até á porta do regedor se dá pancada de mouro; e v. exc.ª Deus sabe por onde anda a curtir tristezas de que o publico não tem culpa. Olhe pela vida dos seus administrados, snr. administrador, aliás...

Preciosidades artisticas.—Participam de Lisboa:

O empregado da casa real encarregado por S. M. a rainha de comprar diversos objectos, que S. M. previamente escolheira, no leilão da caixa geral dos depositos, arrematou por 625000 reis um faqueiro de duzia; 4 peças muito deterioradas, mas assas elegante de feitio, para serviço de almoço, trabalhadas em prata, muito entregrecidas, já por 705500; 2 salvas de prata, tendo ambas braços gravados, por 875000; um lote de brincos, pingentes e aneis, tendo os pingentes esmeraldas, gosto muito antigo, por 455000; uma caixa contendo varios objectos, a 450 a gramma.

Uma lamina de ouro, com o distinctivo da ordem de Christo, e argola; é uma insignia primitiva da ordem, segundo a opinião dos entendidos. Os pingentes com esmeraldas são antiquissimos.

O cinto de brilhantes, avaliado em vinte contos de reis, que existe na caixa geral dos depositos, pertence ao lote de joias confiscadas á herança da snr.ª infanta D. Maria d'Assumpção, filha de el-rei D. João VI, por esta senhora legada a seu irmão o Senhor D. Miguel.

Estas joias não podem ser vendidas enquanto não houver lei que auctorisae a venda. O cinto teve já uma offerta de 5 contos sobre a avaliação.

O archeologo, snr. Teixeira de Aragão, arrematou no leilão de deposito publico, por quantia superior a 1005000 reis, dos lotes de aneis, estrelas brincos pingentes com pedras preciosas, tudo dos seculos XVII e XVIII.

Elevadores mechanicos.—O snr. R. Mesnier pediu á camara municipal de Lisboa auctorisação para o estabelecimento de planos inclinados, exploraveis por meio de tracção mechanica, nas seguintes ruas: calçada da Gloria, rua de S. Bento até á Patriarchal, calçada do Lavra até ao campo de Sant'Anna, calçada de Agostinho Carvalho até á Graça, Santa Apollonia á Cruz dos Quatro Caminhos, rua de S. João da Matta e calçada da Estrellã até ao passeio d'este nome.

A companhia, de que é representante o snr. Mesnier, comprometteu-se a construir a linha da calçada da Gloria no prazo de dez mezes e as restantes no prazo de tres annos.

A concessão é por 99 annos, findos os quaes ficarão as linhas pertencendo á camara.

A comissão de obras e melhoramentos municipaes já tratou d'este assumpto, e parece que lhe é favoravel a opinião da repartição technica da camara.

A coroação de D. Ignéz de Castro.—Tem alcançado muito exito, no *salon* de Paris, um quadro exhibido por Layrand e representando a coroação de D. Ignéz de Castro.

Os jornaes são unanimes em encomiar a composição do notavel artista, da qual se destaca, por um fortissimo relevo de expressão e colorido, o cadaver da infortunada D. Ignéz de Castro.

AGRADECIMENTO

Lourenço Antonio Ribas e seus filhos, confundidos pelas provas de estima e consideração que receberam por occasião do fallecimento de sua chorada consorte e madrastra Luiza Maria de Jesus Ribas, veem respeitosamente agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram por tão triste acontecimento, e acompanharam até ao cemiterio publico o cadaver da finada, e em muito especial ao Exm.º Snr. Dr. delegado do Procurador Regio, Rodrigo Lobo d'Avilla, que lhe fechou o caixão e aos snrs. escrivães d'este Juizo José Francisco da Costa Freitas, José Luiz d'Oliveira Pessa, Antonio José da Cunha Vianna e José Clodomiro Telles de Menezes que pegaram ás fitas do caixão; a todos protestam a sua maior estima e eterno reconhecimento.

Braga 10 de maio de 1882.

(41)

ANNUNCIOS

Pelo Juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão infra, no dia quatro do fucturo mez de Junho, por des horas da manhã, á portado tribunal da justiça, sito no lugar de Santo Agostinho, d'esta cidade, tem de proceder-se á venda em hasta publica, de duas moradas de casas sobradadas, em construção designadas pelo numero de policia 20, e outras, com os numeros 21 A. a 21 C, estas eompletas, com um campo junto com seu tanque de pedra, tudo circuntado por muros, constituindo um predio mixto: produz o campo pão, vinho, fructa, e domina-se praso de Portas, sito na Cangosta de portas, d'esta mesma cidade, avaliado na quantia de 3:4657\$700 rs. Este predio é de natureza emphyteutica; e não foram abatidos os fóros com que é onerado o dito predio, por se ignorarem; penhorado ao Padre Manoel Alves de Castro, d'esta cidade, por virtude da deprecada passada a requerimento dos exequentes D. Florinda Candida Ferreira d' Araujo, e marido Antonio Augusto Corrêa de Vasconcellos, da freguezia de S. Thiago d'Antas, comarca de Villa Nova de Famalicão; e por este anuncio são citados os credores incertos para assistirem á praça, e deduzirem seus direitos. Braga 12 de Maio de 1882.

O Escrivão

Antonio José Gonçalves.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

(39)

ARREMATACÃO DE PROPRIEDADES

No dia 21 do corrente mez de Maio, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta cidade terá logar a arrematação de uma morada de casas sita no campo de Sant'Anna n.º 37 com frente para a rua do Sardoal e bem assim da Quinta de Goaltar com todas as suas pertenças, bens estes que pertenceram ao fallecido Manoel Joaquim Alves Passos.

O PROCURADOR

(38) José Joaquim Pereira Pinto.

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão do segundo officio, abaixo assignado, se ha-de proceder no dia 4 do proximo mez de junho, pelas 10 horas da manhã, na Praça publica das arrematações, á porta do tribunal do dito Juizo, no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, á arrematação

dos bens abaixo declarados, penhorados aos executados Manoel Joaquim de Souza Castro e mulher Dona Roza Maria de Araujo Souza e Castro, da freguezia de São Paio, da comarca dos Arcos de Val de Vez, na execução que contra elles move neste dito Juizo o exequente João de Oliveira e Silva d'esta cidade, cujos bens tendo andado em praça no dia 16 do mez d'abril findo pelo preço da avaliação que é a quantia de 102:000 reis; como não houvesse lançador, voltaram segunda vez á praça por metade do mesmo valor e, não tendo havido lançador, voltão agora terceira vez á praça por todo o preço, e são os seguintes: Tres formaes de terra lavradia juntos, com agua de lima e rega, e arvores de vinho e fructo, situados no lugar de Bemposta, freguezia do Valle, da comarca dos Arcos de Valle de Vez. Pelo presente edital são citados e chamados todos os credores incertos que tenham algum direito sobre a dita propriedade, para assistirem á dita praça e deduzir seus direitos de preferencias com a pena da lei, não comparecendo no praso legal. Vai collado e inutilizado neste anuncio um sello de 10 reis.

Braga 36 de maio de 3882.

O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

(40) Adriano Carneiro de Sampaio.

No campo de D. Luiz 1º caza n.º 9, vende-se vinho maduro e bom a 50 reis o quartilho. (37)

Memoria historica e descriptiva da villa de Pombal

N'este livrinho se acha compendiado tudo quanto diz respeito á Villa de Pombal desde a sua fundação; empregando seus authores o mais rigoroso escrupulo em prescrutar a verdade sobre os principaes pontos que prendem com a historia d'esta antiga e celebre villa. N'elle se descreve minuciosamente a celebre antigualha do forno de Pombal, que muitas pessoas ainda não creem.

Tambem n'este opusculo se encontrarão alguns traços biographicos muito curiosos da vida do marquez de Pombal, desde que foi desterrado até á sua morte.

Acha-se á venda na typographia Pombalense e custa 100 reis. Será enviado pelo correio a quem a pedir, mediante a remessa de 100 reis em sellos de 25 ao redactor do Pombalense —Pombal.

CASA FELIZ

Ignacio Torres

28—Praça do Barão de S. Mariinho—28

BRAGA

EXTRACÇÃO A 26 DE MAIO DE 1882

Premio grande 14:000\$000 rs. 1.ª serie.
Premio grands 14:000\$000 rs. 2.ª serie.
Ha 2 premios grandes d'esta vez.

Tem á venda no seu feliz estabelecimento grande sortimento de bilhetes, meios, quartos, decimos, oitavos e fracções de diferentes preços para a mesma loteria, encontra-se n'este estabelecimento bom surtimento para todas as loterias, de Hespanha e Lisboa: a roda principia a andar ás 11 horas da manhã; de tarde estará presente o telegramma dos premios maiores.

Loja com fazendas brancas, miudezas, charutos, colarinhos, gravatas, punhos, silouras, tudo por preços commodos.

Os Jesuitas!!!

POR M. SCOTTON DE BASSANO

Preço 60 reis

Na Livraria Catholica, Calçada do Carmo n.º 6, 1.º (Rocio)—LISBOA.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda póde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9

BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias, desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios-gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

J. J. de Mesquita Pimentel

LIVREIRO-EDITOR

51, RUA DE D. PEDRO, 53—PORTO

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

Marquez de Pombal

CEM ANOS DEPOIS DA SUA MORTE

PELO

CONDE DE SAMODAES

Um volume in—12, de 334 paginas primorosamente impresso... 600 reis.
Pelo correio 630

Á venda em Braga em casa dos snrs. Manoel João de Faria & C.º—Largo de S. Francisco n.º 9, e nas livrarias.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

O MENSAGEIRO

DO

CORAÇÃO DE JESUS

SUMMARIO

Intenção geral do mez de maio de 1882—Os interesses da Egreja na America meridional..... 65

Amigos do Cor. de Jesus.—O P. Gabriel Malagrida 75

As Conspiradoras.—Uma gotta d'amoniac 84

Ascensão—poesia de J. D. 93

Sois ó Virgem meu amor—poesia de A. M. 96

Chamamento ao mez de Maria poesia de J. S. G. 99

Convite para desagravo ao SS. Sacramento 100

Actos de desagravo em Lisboa.

Carta S.ª a um velho portuguez na Asia.—1.º Pastoral sobre o sacrilegio em S. Christovão: O sr. Arcebispo de Mitylene põe o dedo na chaga.—2.º Ainda o centenario pombalino.—Os dois Coelhos.—Honra a estudantes de Lisboa. Castigo.—Um Pedrozo terror de outro. Protecção ás letras e sciencias.—Homens e homens.—historiadores, juristas, medicos, geographos mathematicos, poetas, litteratos, theologos, grammaticos, escriptores classicos, philosophos, naturalistas; heroes.—Retrato do Marquez.—Projecto de lei da infallibilidade. Enigma explicado.—Um desmentido e varias noticias: 101